



Implicações Sociais das Estratégias de Aculturação

FÉLIX NETO

Professor Catedrático, Universidade do Porto

Historicamente a interacção entre grupos com culturas diversas foi escassa. Distância e condições ambientais impediam a maior parte dos membros de um grupo cultural de entrar em interacção com pessoas de outras culturas. A interacção intercultural era o apanágio do explorador, do soldado, do diplomata, do mercador e do missionário. Quando havia partilha do espaço geográfico comum por dois grupos culturais, tais como autóctones e europeus na América e na Austrália, brancos e negros nos Estados Unidos; muitas vezes as forças sociais impediam a interacção entre grupos culturalmente diversos à semelhança do que fazia a distância geográfica. Muitas vezes essas forças sociais assumiam duas formas: segregação ou assimilação. Com os avanços da ciência e da tecnologia, o espaço e o tempo reduziram-se, tornando-se mais frequentes as interacções com várias culturas.

Os cientistas sociais conceptualizaram os vários fenómenos suscitados pelos contactos de culturas sob o tópico de aculturação. A aculturação representa hoje em dia um dos principais domínios de investigação no âmbito da psicologia intercultural. Globalmente podemos distinguir dois grandes tipos de modelos de aculturação dos imigrantes. O primeiro tipo de modelos, o unicultural, pressupõe que as pessoas num grupo em aculturação deixarão os seus valores e hábitos culturais e passarão a adoptar atitudes e comportamentos característicos da sociedade dominante. O modelo unicultural pressupõe também que a sociedade receptora é monista ou que pelo menos evolui para esse estágio. Este modelo focaliza-se no processo linear de assimilação e, no seu âmbito, a integração não tem lugar, a menos que se defenda que integração é igual a assimilação.

Um segundo tipo de modelos, os multilineares, postulam um conjunto de alternativas e como tal não uma só dimensão, a qual culminaria na assimilação ou absorção numa sociedade “moderna”. A existência destes dois modelos faz com que se possam perspectivar os possíveis modos de aculturação que os imigrantes podem adoptar, tendo como pano de fundo duas questões: será importante conservar a sua identidade e as suas características culturais e será importante procurar estabelecer e manter relações com os outros grupos da sociedade? A resposta dicotómica a essas duas questões coloca-nos perante quatro estratégias de aculturação: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização.

A Assimilação implica o abandono da própria identidade cultural em direcção à da comunidade dominante. A Integração implica a manutenção parcial da identidade cultural do grupo étnico juntamente com uma participação cada vez mais acentuada no seio da nova sociedade. No caso do indivíduo não procurar estabelecer relações com a comunidade dominante e querer guardar a sua identidade cultural, opta pela Separação. Enfim, a Marginalização é o estado em que o grupo não-dominante perdeu a sua identidade cultural (muitas vezes por causa da política do grupo dominante em direcção da assimilação) e não tem o direito de participar no funcionamento das instituições e na vida do grupo dominante por causa de práticas discriminatórias.

Em toda uma variedade de domínios da vida quotidiana na sociedade receptora estas diferentes opções revestem-se de extrema importância. Na escola, no trabalho, nas relações sociais, bem como noutros domínios da vida quotidiana, os indivíduos em aculturação prosseguirão estratégias divergentes no seu evoluir na sociedade receptora. Ora, o conhecimento dessas estratégias e dos factores que lhe estão associados poderá contribuir para a formulação de políticas e de programas nos referidos domínios.

Desde a última década temos recorrido ao modelo multilinear exposto, com o objectivo de estudar as estratégias de aculturação em diversas populações migrantes: emigrantes portugueses em França, na Suíça e na Alemanha, de filhos de emigrantes regressados a Portugal e de imigrantes em Portugal (Neto, 2003). Mais particularmente em relação a filhos de imigrantes em Portugal temos vindo a estudar amostras de angolanos, cabo-verdianos, indianos e timorenses (Neto, 2002). Em todas as amostras que recolhemos aparece uma preferência pela Integração enquanto modo de aculturação. A estratégia mais



I Migrações e Cidadania

desejada pela grande maioria das pessoas que entrevistámos passa pelo desejo de estar em duas culturas (pelo menos) numa sociedade pluralista e não de viver entre duas culturas.

As estratégias de aculturação mostraram estar substancialmente relacionadas com uma adaptação positiva: a integração é geralmente a mais bem sucedida; a marginalização a menos; e a assimilação e a separação são intermediárias. Este padrão encontrámo-lo em todos os grupos etnoculturais que estudámos. Se a adaptação bem sucedida é o resultado de uma pluralidade de factores, um certo número deles gravitam à volta da sociedade receptora, em particular das orientações gerais dessa sociedade. Dispomos hoje em dia de suficiente evidência que nos advém da psicologia, não advogando por esse facto, a implementação de políticas nacionais que forcem a mudança de cultura (assimilação), ou a guetização (separação), ou uma combinação delas (levando à marginalização). Em vez disso, uma política que envolva acomodação mútua (isto é, a integração tal como foi definida) deve ser prosseguida. É óbvio que no seu prosseguimento haverá custos para ambos os lados: quando, por exemplo, a sociedade dominante muda aspectos dos currícula das escolas e dos serviços de saúde; ou no caso do grupo em aculturação, quando é levado a mudar alguns aspectos da sua cultura que são valorizados, mas que não são adaptativos. Todavia, os custos de não de adoptarem políticas de integração são provavelmente ainda maiores, em especial, se o resultado final é a segregação e a marginalização.